

Da saberia curandeira à ciência tradicional

Tribo Huni Kuin, do AC, apresenta plantas medicinais no 'Livro da cura'

FLÁVIA MILHORANCE

flavia.milhorance@oglobo.com.br

Na entrada da oca de dez metros de altura feita de madeira e palha, uma placa tem os dizeres *hanlishli kayanai*. É um “espaço de cura” esse lugar erguido em pleno Parque Lage, no Jardim Botânico, Zona Sul do Rio, para abrigar uma série de eventos que começa hoje e gira em torno do lançamento de “Una Isi Kayawa — Livro da cura” (Dantes Editora), uma publicação que apresenta informações detalhadas sobre o poder medicinal de plantas usadas há gerações pelo povo indígena Huni Kuin, do Acre.

São 32 tribos com cerca de 7.500 pessoas da etnia em torno do rio Jordão. Ontem, chegaram alguns de seus representantes e integrantes do projeto. Com rostos pintados, colares de miçangas e trajes de linhas coloridas, eles se reuniram para um canto de chegada. De mãos dadas, o pajé José Matus Itsairu puxava um ritmo, seguido pelos demais.

— É um canto para agradecer pela nossa vinda, além de chamar as forças dos espíritos para proteger esse lugar — explicou.

Itsairu é filho do pajé Agostinho Ika Muru, o idealizador do projeto, que morreu em 2011 ainda durante a fase de pesquisa. Ele tinha cadernos de anotações cheios de desenhos de plantas, e seu sonho, conta Itsairu, era sistematizar e difundir o conhecimento ancestral não só para seus pares, mas abri-lo à sociedade.

— Agostinho era um cientista da floresta. Ele vinha há mais de 30 anos registrando informações e tinha medo de que o saber fosse perdido — comentou o taxonomista Alexandre Quinet, que se incumbiu da difícil tarefa de

fazer a ponte entre o conhecimento indígena oral e a ciência tradicional. — São lógicas diferentes, por isso o que fizemos foram transcrições literais das palestras gravadas. Até porque o livro também é para eles.

Não à toa, os primeiros mil exemplares foram produzidos com papel feito de garrafas PET para resistir à umidade das florestas. Foram necessárias várias viagens e oficinas, além de registros fotográficos e audiovisuais. Das 351 amostras dos cadernos do pajé, 109 estão descritas no livro, com informações catalogadas por taxonomistas do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico.

REGISTRO DA TRADIÇÃO MILENAR

Há um mês, a presidente Dilma Rousseff encaminhou ao Congresso um anteprojeto de lei obrigando empresas interessadas nos conhecimentos de povos indígenas a obter a autorização deles. Esse livro, diz Quinet, dá poder às etnias e registra oficialmente sua sabedoria.

A programação intensa se estende de hoje ao dia 27 e inclui conversas, cantos, exposição fotográfica e exibição de vídeos de Zezinho Yube, ativista indígena: — Eles contam a história do nosso povo, que vivia em malocas, teve contato com seringueiros no início do século XX, começou a trabalhar com isso e, depois, recuperou seu território e está revitalizando sua cultura.

Até o final da estada, o grupo aproveitará para conhecer o Rio. A primeira atividade do casal Adelino e Maria Kaxinawá (outro nome dado à tribo) foi ver o mar pela primeira vez:

— Era exatamente o que imaginava: o som, o movimento. Ficamos gratos com a experiência. ●



Pintura. O casal Maria e Adelino Kaxinawá se prepara para o início dos eventos. Eles estão pela primeira vez no Rio e aproveitaram para conhecer o mar



Chegada. Canto e prece para agradecer a vinda ao Rio e pedir proteção dos espíritos na oca montada no Parque Lage

Três bálsamos naturais

BAKA TARAKA. “Para dor forte no meio da barriga, causada pela ingestão dos órgãos internos do peixe, enxaguar o local com preparado das folhas colocadas em água quente até que fique vermelha” (nome científico: *Monstera spruceana*).

NIXU BISU. “Dar banho para crianças ficarem fortes e com saúde e viverem longamente” (*Handroanthus serratifolius*).

YAME TXANA. “Curativo da alma para crianças que não dormem

bem e choram à noite. Dar banho, espremer as folhas e pingar o sumo nas juntas e nos olhos” (*Aphelandra acrensis*).



NA WEB
oglobo.com.br/cultura/livros
Saiba mais sobre o ‘Livro da cura’

Opinião

SEM VISÃO

É UM paradoxo, mas do êxito do programa brasileiro anti-Aids resulta uma reincidência da doença. Relaxados diante da eficácia dos retrovirais e de sua distribuição, homossexuais, sobretudo homens, deixam de se precaver.

NÃO HÁ saída a não ser reativar políticas públicas das quais constam, por exemplo, campanhas de esclarecimento, distribuição de camisinhas e, se for o caso, de seringas para os adictos.

JÁ SE fez isso, e funciona. Mas não é razoável o governo achar que pode enfrentar uma epidemia sem ouvir as diversas entidades da sociedade civil que atuam na área. A autossuficiência precisa ter limites.